Revista de Imprensa

1. Roubo armado a um casal de turistas em Albufeira, CM TV - CM Jornal Hora do Almoço, 07/04/2019 1

2. Resort quer atrair estrelas da música ao Algarve, Jornal de Notícias, 07/04/2019 2

3. Hotéis com ocupação próxima da metade, Correio da Manhã - Correio da Manhã Algarve, 07/04/2019 3

4. Março sem Páscoa influencia indicadores turísticos algarvios, Turisver Online, 07/04/2019 4

5. Algarve teve menos turistas espanhóis, portugueses e irlandeses em Março, Sul Informação Online, 06/04/2019 5

6. Lixo nas praias de Tavira, RTP 1 - Bom Dia Portugal, 08/04/2019 6

7. Vila Vita Parc em Porches, SIC Notícias - Boa Cama Boa Mesa, 06/04/2019 7

8. Percurso dos 7 Vales Suspensos, SIC Notícias - Boa Cama Boa Mesa, 06/04/2019 8

9. Passadiços do Penedo Furado em Vila de Rei, SIC - Primeiro Jornal, 07/04/2019 9

10. Viagens dos portugueses na Páscoa batem novo recorde, Jornal de Notícias, 06/04/2019 10

11. Covilhã - Inverno sem neve prejudicou turismo na serra, Jornal de Notícias, 08/04/2019 13

12. Turista ou residente, a cidade tem de ter lugar para todos, Público, 06/04/2019 14

13. Linha para denunciar alojamentos locais ilegais, Renascença - Notícias, 08/04/2019 15

14. 7 Bairros de Lisboa, Expresso - Economia, 06/04/2019 16

15. Alojamento local - Mais restrições em Lisboa, Diário de Notícias, 06/04/2019 19

16. Câmara de Lisboa prolonga suspensão de novos alojamentos locais, Público, 06/04/2019 22

17. Carla Bruni em Portugal, TVI - Jornal da Uma, 07/04/2019 23

18. Roteiro do Norte para Turismo Gay, Correio da Manhã, 06/04/2019 24

19. Seminário Lugares de Globalização destaca Cabo Verde para lançar Semana Cultural, Sul Informação Online, 06/04/2019 25

20. " Agricultura e pescas têm de recuperar terreno ao turismo " - Entrevista Pedro Valadas Monteiro, Jornal do Algarve, 04/04/2019 27

21. Portimão acolhe seminário sobre segurança na região, Jornal do Algarve, 04/04/2019 30

Roubo armado a um casal de turistas em Albufeira

http://pt.cision.com/cp2013/ClippingDetails.aspx?id=f787bee4-1283-4aba-9552-048b38d9ce22&userId=20bb6b56-ec51-42d3-b11d-421913ecc5ae

Dois jovens foram detidos pela Polícia Judiciária por roubo armado a um casal de turistas em Albufeira.

CISION

Jornal de Notícias

ID: 79912154

07-04-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Informação Geral

Pág: 21
Cores: Cor
Área: 9,01 x 30,00 cm²
Corte: 1 de 1

Resort quer atrair estrelas da música ao Algarve

Projeto de luxo inclui construção de um estúdio profissional de gravação

DIREITOS RESERVADOS

Projeto representa investimento de 260 milhões

Ana Sanlez
locais@jn.pt

ALGARVE Madonna pode estar de malas feitas, mas Portugal quer continuar a dar música às estrelas internacionais. No interior do Algarve está a nascer um resort de luxo, onde além de moradias e quartos de hotel deverá nascer um estúdio profissional de gravação. O objetivo, diz o CEO do Ombria Resort, é "atrair estrelas da música mundial para a região" e transformar o barrocal algarvio na Abbey Road portuguesa.

"Teremos um observatório astronómico e queremos organizar residências artísticas com workshops lecionados por artistas de todo o Mundo", conta Júlio Delgado ao JN/Dinheiro Vivo. O objetivo é "acabar com a sazonalidade do turismo do Algarve". Os responsáveis do Ombria Resort têm reunido com o diretor do aeroporto de Faro e com a Associação de Turismo de Portugal.

PRAZO DERRAPA

O projeto está desenhado há anos, mas só neste mês deverá obter a última licença para que as obras possam começar. A abertura chegou a estar anunciada para o final de 2019, mas a data tem derrapado devido à "burocracia". Assim, as obras arrancarão em maio e os primeiros edifícios serão inaugurados no "segundo ou terceiro trimestre" de 2021. O projeto só deverá chegar ao fim "dentro de 10 ou 15 anos", dependendo do ritmo de vendas. O investimento é de 260 milhões de euros, do grupo finlandês Pontos.

A primeira fase inclui um hotel de cinco estrelas, campo de golfe, centro de conferências, spa e zona de restauração. No primeiro lote incluem-se 65 apartamentos turísticos, geridos pelo hotel, que os donos poderão usar 10 semanas por ano. Nas restantes 42, serão arrendados, recebendo o proprietário 5% da receita anual. Quando o projeto estiver concluído, terá 350 casas de uso turístico e 31 moradias residenciais.

DADOS

Mercado sondado

As vendas ainda não começaram, mas os promotores estão otimistas e já começaram a sondar o mercado. Num ano, recebemos 1200 manifestações de interesse", conta Júlio Delgado.

Nacionalidades

"Sabemos que no Algarve os ingleses e franceses têm muita importância, mas tivemos 20 nacionalidades interessadas", sublinhou.

CISION

Correio da Manhã Algarve

ID: 79903525

07-04-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Informação Geral

Pág: 21
Cores: Cor
Área: 20,78 x 20,32 cm²
Corte: 1 de 1

TURISMO. DADOS DE MARÇO

Hotéis com ocupação próxima da metade

RECEITAS Volume de vendas registou uma descida de 6% face ao mesmo mês do ano passado
PÁSCOA Dados afetados pelo facto de a Semana Santa, em 2019, apenas se celebrar no mês de abril

JOÃO MIRA GODINHO

A ocupação média por quarto nas unidades hoteleiras algarvias, em março, ficou próxima da metade da capacidade total (53,7%), segundo os dados da Associação de Hotéis e Empreendimentos Turísticos do Algarve (AHETA). O valor representa um ligeira descida, de 0,1%, em relação ao mesmo mês do ano passado.

Desde 2016 (ano em que ficou nos 55%) que a ocupação no mês de março se tem mantido

MAIORES DESCIDAS NOS MERCADOS ESPANHOL, PORTUGUÊS E IRLANDÊS

relativamente estável, sempre próxima dos 50%. A AHETA, no entanto, destaca que, este ano, a taxa de ocupação e o volume de vendas foram influenciados pelo facto da Páscoa se realizar apenas em abril (no ano passado começou a celebrar-se na última semana de março). Refira-se que, no que diz respeito ao volume de vendas, a AHETA registou uma descida de 6% no mês, face a 2018.

ANDRÉ CRAVINHO

Muitos turistas, em particular portugueses e espanhóis, costumam procurar a região no período da Páscoa

Os mercados francês (com mais 20,5%) e sueco (mais 47,3%), ambos com relativamente pouco peso no total de turistas que visita a região, foram os que apresentaram maiores subidas. No sentido oposto, destacaram-se os mercados irlandês (com uma descida de 12,9%), espanhol (com menos 37%) e português (menos 15,7%). Muitos turistas portugueses e espanhóis costumam precisamente procurar a região no período da Páscoa.

Já no balanço feito desde o início de 2019, a AHETA regista uma subida de 0,5% na taxa de ocupação média de quartos, em comparação com o números do ano passado. Os meses de inverno, no entanto, pouco representam para o total anual de turistas que visita o Algarve, existindo alguma incerteza relativamente ao que esperar do período de verão.

Março sem Páscoa influencia indicadores turísticos algarvios

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 07/04/2019

Meio: Turisver Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=fd0bf434

Uma taxa de ocupação estável e volume de vendas em queda marcaram o Março algarvio, segundo dados divulgados sexta-feira pela AHETA. A "culpa" é do efeito Páscoa, quadra que este ano apenas se viverá em Abril, ao contrário do que aconteceu o ano passado.

De acordo com os dados divulgados sexta-feira, 5 de Abril, pela Associação dos Hotéis e Empreendimentos Turísticos do Algarve, a taxa de ocupação global média/quarto na região durante o mês de Março foi de 53,7%, semelhante ao valor verificado em 2018 (-0,1%).

Os mercados que apresentaram as maiores descidas face ao mesmo período do ano passado foram o espanhol (-37,0%), o português (-15,7%) e o irlandês (-12,9%) com os dois primeiros a estarem muito dependentes do "efeito Páscoa". Estas descidas foram no entanto compensadas pelos mercados francês e sueco que registaram subidas homólogas de 20,5% e 47,3%, respectivamente.

Queda assinalável teve o volume de vendas que desceu 6% face a Março do ano passado, situação que a AHETA relaciona também com o facto de a Páscoa ser este ano mais tardia.

A AHETA avança ainda que no acumulado dos três primeiros meses deste ano, a taxa de ocupação quarto regista uma subida média de 0,5% em termos homólogos.

F.R.

Algarve teve menos turistas espanhóis, portugueses e irlandeses em Março

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 06/04/2019

Meio: Sul Informação Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=9e873e4f

Taxa de ocupação global média por quarto foi idêntica à de Março de 2018

Houve menos turistas espanhóis (-37%), portugueses (-15,7%) e irlandeses (-12,9%) no Algarve, durante o mês de Março, em comparação com o período homólogo do ano passado, segundo os dados divulgados pela Associação dos Hotéis e Empreendimentos Turísticos do Algarve (AHETA).

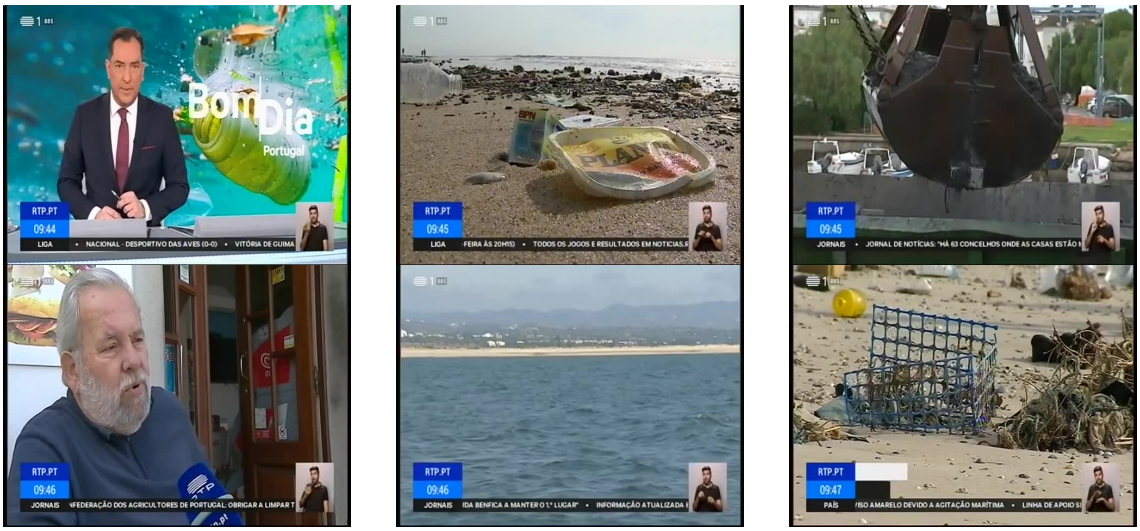
Quanto à taxa de ocupação global média por quarto foi de 53,7%, semelhante ao valor verificado em 2018 (-0,1%).

Os mercados francês (+20,5%) e sueco (+47,3%) foram os que apresentaram as maiores subidas. Desde o início do ano a taxa de ocupação quarto regista uma subida média de 0,5%

Ainda segundo a AHETA, o volume de vendas registou uma descida de 6,0% face ao mesmo mês do ano anterior.

Na análise destes dados, é importante referir que, em 2018, a Páscoa se realizou em Março.

Sul Informação

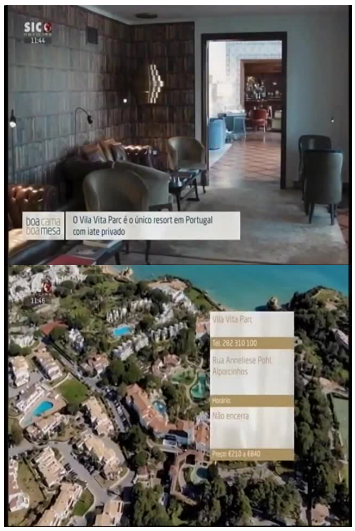


Lixo nas praias de Tavira

http://pt.cision.com/cp2013/ClippingDetails.aspx?id=05b79f66-12f7-4274-91d1-5b9e5fd9665e&userId=20bb6b56-ec51-42d3-b11d-421913ecc5ae

No Algarve, as praias de Tavira tornaram-se uma lixeira a céu aberto.
Declarações de José Castro Centeno, oficial de marinha reformado.

Repetições: RTP 3 - Bom Dia Portugal , 2019-04-08 09:45



Vila Vita Parc em Porches

http://pt.cision.com/cp2013/ClippingDetails.aspx?id=f469310c-72b6-4baf-9d09-0e0b29a352bd&userId=20bb6b56-ec51-42d3-b11d-421913ecc5ae

Paisagens impressionantes encontramos também no Vila Vita Parc em Porches.
O resort de 5 estrelas, chave de platina do Guia Boa Cama Boa Mesa, com acesso direto à praia.
Declarações de Judith Gerls, Vila Vita Spa by Sisley.

Repetições: SIC Notícias - Boa Cama Boa Mesa , 2019-04-07 08:45
SIC Notícias - Boa Cama Boa Mesa , 2019-04-07 17:43

Percurso dos 7 Vales Suspensos

http://pt.cision.com/cp2013/ClippingDetails.aspx?id=094be03a-b442-4513-8383-4f46a6ea4c1d&userId=20bb6b56-ec51-42d3-b11d-421913ecc5ae

Desfrutar da paisagem e sentir de perto a maresia é o que propõe o Percurso dos 7 Vales Suspensos, recentemente premiado a nível internacional. São quase 6 quilómetros entre a praia da Marinha e a de Vale de Centianes, que muito agradam os caminhantes.
Declarações de José Vieira, Câmara Municipal de Lagoa.

Repetições: SIC Notícias - Boa Cama Boa Mesa , 2019-04-07 08:43
SIC Notícias - Boa Cama Boa Mesa , 2019-04-07 17:41

Passadiços do Penedo Furado em Vila de Rei

http://pt.cision.com/cp2013/ClippingDetails.aspx?id=ed0ba91c-d963-454f-b8f1-c9d8617c49d4&userId=20bb6b56-ec51-42d3-b11d-421913ecc5ae

Já estão abertos os passadiços do Penedo Furado, em Vila de Rei. A rede permite o acesso a zonas de rara beleza, até aqui praticamente inacessíveis.
Comentários de Francisco Costa, Teresa Costa, Fernando Leal, Maria Leal - visitantes; Ricardo Aires, presidente da C. M. de Vila de Rei; Inês Marçal, restaurante Tasquinha da Vila.

Repetições: SIC - Jornal da Noite , 2019-04-07 21:22
SIC - Edição da Manhã , 2019-04-08 06:49
SIC - Edição da Manhã , 2019-04-08 08:52
SIC Notícias - Jornal da Meia Noite , 2019-04-07 00:44
SIC Notícias - Jornal das Dez , 2019-04-08 10:36

CISION

Jornal de Notícias

ID: 79892166

06-04-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Informação Geral

Pág: 4
Cores: Cor
Área: 25,50 x 30,00 cm²
Corte: 1 de 3

PRIMEIRO PLANO

Viagens para férias de Páscoa vão crescer até 30% face a 2018

Este será o novo melhor ano de sempre para as agências e os hoteleiros também estão otimistas quanto às receitas

Erika Nunes
erika@jn.pt

TURISMO Os portugueses continuam a manter as férias e as viagens no topo das prioridades, este ano, permitindo às agências de viagens registar crescimentos das vendas a dois dígitos, até 30%, já para o período intermédio da Páscoa. Os hoteleiros nacionais também contam com ocupações melhores ou iguais ao ano passado para este período, o que permite antecipar subidas dos preços médios e evolução favorável das receitas.

"Para os destinos nacionais, há muita procura, mas ainda faltam muitas reservas de última hora", notou Nuno Mateus, vice-presidente da Associação Portuguesa das Agências de Viagens e Turismo. "Não temos dúvidas que os portugueses vão viajar ainda mais do que no ano passado, que foi o melhor de sempre. Posso afirmar com segurança um crescimento a dois dígitos", garantiu. Para Nuno Mateus, apesar de sinais de arrefecimento da economia, "quando o desemprego desce, os portugueses viajam".

Os destinos mais próximos (Cabo Verde, S. Tomé, Disney) vendem mais depressa, mas voltaram as viagens para as Caraíbas e aumentam para a Ásia. "Temos mais ligações aéreas e mais vamos ter em julho, com o início de operação da Qatar Airways e a Emirates no Porto", justificou.

Ainda que a Páscoa seja só o pontapé de saída do ano, as agências e os operadores estão muito otimistas. "Estamos a crescer nas vendas, mas só no final do verão podemos contabilizar um valor", respondeu fonte da Agência Abreu, a líder de mercado em Portugal. Portugal está no topo dos destinos nesta altura, mas há cada vez mais procura pelas viagens culturais.

Na Pinto Lopes Viagens, agência especializada em circuitos por todo o Mundo, o crescimento é de "30% sobre um 2018 que já foi muito bom". Rui Pinto Lopes tem as partidas todas esgotadas para a Páscoa, num total de sete mil lugares, para destinos como Rússia, Irão, Índia, Vietname, Tailândia Croácia e Itália.

OTIMISTAS SE VIER SOL

Segundo dados preliminares do estudo de Páscoa da Associação Hotelaria de Portugal (AHP), a maioria dos hoteleiros portugueses espera taxas de ocupação melhores (41%) ou iguais (41%) às do ano passado, com preços médios melhores (52%) e receitas globais e de alojamento melhores (58%). "A única ameaça é a meteorologia, porque os principais mercados deste período são Portugal e Espanha e, conforme o tempo, tanto reservam à última hora, como desmarcam e ficam em casa", analisou Cristina Siza Vieira, diretora executiva da AHP.

OS DEZ MAIS PROCURADOS

1º Algarve é o maior destino cá dentro
2º Porto e Norte têm cada vez mais procura
3º Açores ainda na agenda das viagens
4º A Madeira já é tradição para muitos
5º Cabo Verde tem partidas esgotadas
6º S. Tomé e Príncipe está a crescer
7º Escapadinha a cidades europeias
8º Turquia volta a figurar no "top mais"
9º Disneyland Paris já é um clássico
10º Cruzeiros no Norte da Europa a subir

CISION

ID: 79892166

Jornal de Notícias

06-04-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Informação Geral

Pág: 5
Cores: Cor
Área: 25,50 x 30,00 cm²
Corte: 2 de 3

DADOS

Negócios da década
Entre 2008 e 2016, ano mais recente sobre o qual o Instituto Nacional de Estatística possui dados, o número de agências de viagens aumentou 32%. O volume de negócios cresceu 84,5 milhões de euros (+4,7%) em 2016 face a 2009 (uma quebra de série não permite comparar 2008).

Verão cá dentro
No ano passado, o melhor de sempre das agências, as viagens dos portugueses para o estrangeiro cresceram 14,9% no 1.º e 18,1% no 2.º trimestre, tendo abrandado no verão (-1,3%), altura em que aceleraram os destinos nacionais. Significativo: as viagens de lazer ao estrangeiro cresceram mais do que as de negócios.

Ano de Portugal
O ano passado foi de crescimento no turismo só graças ao aumento de dormidas de portugueses (5%), uma vez que os mercados externos (-2%) encolheram face a 2017.

Portugueses estão a contribuir para enfrentar o Brexit

Mercado interno tem vindo a manter preferência pelo Algarve mesmo durante os meses de época baixa

BRITÂNICOS A Páscoa é o arranque da época turística no Algarve e é o barómetro de como pode acabar o ano. Os hoteleiros travaram a subida de preços para suster a perda de ocupação originada pela diminuição de turistas britânicos devido ao Brexit e agora resta saber se os mercados mais pequenos, incluindo o nacional, podem ajudar a compensar.

"Temos duas tendências bem marcadas este ano: o mercado britânico vai continuar a descer e o mercado nacional deve continuar no crescimento que manteve em época baixa", analisa Elidérico Viegas, presidente da Associação dos Hotéis e Empreendimentos Turísticos do Algarve (AHETA).

O calendário da Páscoa, este ano, é favorável à região. Os hotéis reabrem e não têm dias parados, como quando a festa calha em março. Os preços manter-se-ão estáveis face ao ano passado, uma vez que "atingiu-se aquele ponto entre a oferta e a procura que não permite continuar a subir". Logo, prevê o líder da AHETA, "o ano deverá terminar com ligeiras descidas nas ocupações e evolução positiva das receitas, mas a um ritmo menos acelerado que nos últimos quatro anos".

SOL NA PÁSCOA
No cômputo final, portugueses e espanhóis, belgas e holandeses e outros pequenos mercados que enviam turistas para o Algarve "podem não compensar totalmente a perda do maior mercado". O mercado britânico representou 21% das dormidas na hotelaria nacional durante o ano passado e caiu 7,5% face ao ano anterior. O Algarve está particularmente exposto, uma vez que ali se concentram, habitualmente, mais de metade das dormidas de britânicos em Portugal. E não foi o único mercado a diminuir em 2018: o alemão é o segundo mercado estrangeiro da região e encolheu 4,3% durante o ano. O holandês é o sexto mercado do Algarve e terminou o ano com uma quebra de 11,4% a nível nacional.

No ano passado, as dormidas de residentes subiram 9,9% no Algarve. "A nossa grande concorrência no que toca aos portugueses é Espanha, mas o mercado interno tem vindo a valorizar mais a qualidade do Algarve, quer para o verão quer durante o resto do ano", explicou.

O maior problema é as reservas para a região serem frequentemente de "última hora" e muito influenciadas pelo boletim meteorológico. A semana da Páscoa deverá ser soalheira e com temperaturas a rondar 20º.

BRELCOME NÃO CHEGA
Quanto aos britânicos, o Turismo de Portugal anunciou uma campanha de 200 mil euros, denominada "Brelcome", com uma linha de atendimento dedicada e uma área informativa no site Visit Portugal. Elidérico Viegas aplaude a iniciativa, mas tem dúvidas quanto à eficácia. "A ideia é boa e justifica-se, mas a estratégia não será a mais adequada", considera. "A estratégia deveria concentrar-se nos operadores turísticos tradicionais, que têm perdido peso no Algarve e estão a virar-se para a Turquia e para o Egito. Apostarmos no turista que reserva diretamente as férias é importante, mas não me parece a estratégia mais adequada para enfrentar o Brexit", remata.

FINALISTAS

Milhares de jovens partem hoje rumo a Espanha

Não há um valor oficial, mas estima-se que rondem 30 mil os jovens estudantes do 12.º ano que, a partir de hoje, rumam a Espanha em viagens de finalistas. As empresas organizadoras com maior presença no mercado garantem que a procura aumenta de ano para ano (10% este ano, segundo a Sporjovem), mesmo se começam a ganhar peso novas tendências de viagens mais culturais e em grupos mais pequenos. A logística destas excursões massivas que ocupam resorts inteiros na Costa do Sol espanhola é imensa: centenas de autocarros, monitores, seguranças e pessoal de apoio médico. As autoridades portuguesas e espanholas mobilizam-se, por estes dias, para acompanhar os jovens. Há dois anos, mil foram expulsos por desacatos em Lloret del Mar.

CISION

Jornal de Notícias

ID: 79910647

08-04-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Informação Geral

Pág: 23
Cores: Cor
Área: 8,64 x 30,00 cm²
Corte: 1 de 1

Neve começou a cair na passada quinta-feira

Inverno sem neve prejudicou turismo na serra

Páscoa fria poderá compensar parte das perdas deste ano da estância de esqui

COVILHÃ A "Turistrela", concessionária turística da serra da Estrela, não divulga os montantes das perdas monetárias, mas reconhece que a falta de neve "prejudicou muito as receitas desta temporada". De acordo com a direção da estância de esqui, a época do ano passado mobilizou 35 mil esquiadores, um número que ultrapassa largamente os 20 mil registados até ao momento.

"No ano passado, prolongamos a época até 13 de maio e em junho ainda havia neve nos pontos mais sombrios da serra", recorda Carlos Varandas, enquanto estabelecia comparações com o cenário desta época. "Em janeiro, graças à neve de cultura, fomos uma das 14 estâncias abertas entre 45 existentes na Península Ibérica. Mas estamos muito aquém de 2018, constata.

FATURAR NA PÁSCOA

"Claro que a neve destes dias vai permitir faturar nas férias da Páscoa, mas duvido que seja possível atingir a meta do ano anterior", refere, ainda, Carlos Varandas.

De acordo com todas as previsões, a neve começou a cair na passada quinta-feira à noite e só deve parar na terça-feira. "Com ventos superiores a 30 km/hora, como ainda temos, as estradas vão manter-se fechadas, mas na reabertura contamos ter muita gente a subir", diz, esperançado, ao JN, o dirigente da estância. "Desde que começou a nevar, o telefone não tem parado, pelo que é expectável que, havendo melhorias, teremos movimento para as pistas disponíveis", sublinha ainda.

Se não chover muito e a temperatura não subir desmesuradamente, será possível praticar desportos de inverno até ao final de abril e compensar parcialmente as perdas dos últimos meses. "Era o melhor que nos podia acontecer", diz, por fim, o dirigente da estância de esqui. ● MADALENA FERREIRA

DADOS

20 mil. Número de esquiadores da temporada registado na estância de ski da serra da Estrela.

9 pistas. A infraestrutura turística, única em Portugal, dispõe de nove pistas, mas a "pista preta", como é designada, pode, no entanto, manter-se fechada caso a quota de neve seja inferior a 60 centímetros.

Renascença

ID: 79912328

08-04-2019 08:03

Duração: 00:00:38

OCS: Renascença - Notícias

Linha para denunciar alojamentos locais ilegais

http://pt.cision.com/cp2013/ClippingDetails.aspx?id=f24947ee-7071-4bde-8f80-740bc03b2fc6&userId=20bb6b56-ec51-42d3-b11d-421913ecc5ae

A partir de hoje, há uma linha telefónica para denunciar alojamentos locais ilegais. É uma iniciativa da freguesia de Santa Maria Maior, em Lisboa.

CISION

Diário de Notícias

ID: 79892624

06-04-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Semanal
Âmbito: Informação Geral

Pág: 18
Cores: Cor
Área: 25,50 x 29,38 cm²
Corte: 1 de 3

GONÇALO VILLAVERDE / GLOBAL IMAGENS

Lisboa vai manter as cinco zonas de contenção que já tem atualmente: Alfama, Castelo, Mouraria, Bairro Alto e Madragoa. A colina de Santana e o bairro da Graça ficarão num patamar intermédio.

Graça e colina de Santana com restrições ao alojamento local

Regulamento vai criar um segundo nível de limitações à abertura de novos alojamentos locais em Lisboa. Proibição nas zonas de contenção deixa de ser absoluta. Eixos comerciais da cidade fora das restrições.

SUSETE FRANCISCO

O bairro da Graça e a colina de Santana, em Lisboa, vão ficar abrangidos por restrições à abertura de novos alojamentos locais. Não se trata de zonas de contenção – como acontece atualmente em Alfama, Mouraria, Castelo, Bairro Alto e Madragoa –, mas de um patamar intermédio, que vai ser criado pelo novo regulamento camarário sobre o alojamento local (AL). O documento está a ser ultimado e deverá ir a votos do executivo municipal ainda neste mês de abril.

A proposta de regulamento estabelece três níveis diferenciados, em função do rácio entre o número de alojamentos locais e o número de habitações permanentes (ocupadas por residentes). Os bairros que tiverem mais de 20% das habitações afetas ao alojamento local são declarados como zonas de contenção – a percentagem desce cinco pontos percentuais em relação ao valor aplicado atualmente, mas não há novos bairros a juntar-se aos cinco que já estão nesta categoria. A novidade é que surge agora um segundo patamar para os bairros em que o alojamento local atinja uma quota entre os 10% e os 20% do número total de habitações. Nestes casos, adianta ao DN o presidente da Câmara de Lisboa, Fernando Medina, a abertura de novas unidades continua a ser admitida, mas com restrições. "Nessa zonas é permitido o registo de novos alojamentos locais desde que seja feito em prédios ou frações que resultem de reabilitação de edifícios que estivessem devolutos e em que a reabilitação permita subir dois níveis em matéria de eficiência energética. Ou desde que estes fogos não tenham estado com contratos de arrendamento habitacional no período anterior de cinco anos", refere o autarca. Ou seja, "é admissível que haja registos de novos alojamentos locais, que terão uma licença por cinco anos, desde que o prédio ou a fração não estejam a ser retirados da habitação" para fins permanentes. É neste patamar que vão entrar os bairros da Graça e da colina de Santana. Também serão admitidos novos registos de alojamento local nos casos em que haja mudança de uso de serviços (por exemplo escritórios) ou indústria para habitação. Já no caso de espaços comerciais não será permitida a mudança para AL.

De acordo com o estudo urbanístico apresentado pela câmara no passado mês de outubro, a colina de Santana apresentava então um rácio de 18% de ocupação por alojamento local, enquanto a Graça estava nos 10%. Neste último bairro, que pertence à Junta de freguesia de São Vicente, há uma ressalva – o Largo da Graça, que foi incluído na zona de contenção de Alfama.

Nos bairros em que o AL estiver abaixo dos 10%, a abertura de novos alojamentos não terá qualquer condicionamento, princípio que se aplicará a zonas como a Lapa e Estrela (7% de AL), Avenidas Novas (6%), na zona envolvente à Avenida Almirante Reis (6%), Ajuda (4%), Parque das Nações (4%), Alcântara (3%), Penha de França (3%) ou Campo de Ourique (2%).

25% de AL, nenhuma restrição

Mas há outras áreas da cidade que não vão ter restrições ao alojamento local apesar de

CISION

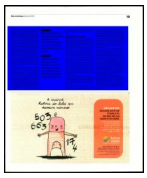
Diário de Notícias

ID: 79892624

06-04-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Semanal
Âmbito: Informação Geral

Pág: 19
Cores: Cor
Área: 25,44 x 13,34 cm²
Corte: 2 de 3



terem quotas de 25% de ocupação por AL, segundo os dados do estudo divulgado em outubro. São elas a Baixa pombalina, a Avenida da Liberdade, a Avenida da República e a Avenida Almirante Reis. Medina argumenta que esta medida se justifica pelo facto de estas zonas serem predominantemente comerciais. "Enquanto em Alfama, por exemplo, a percentagem é atingida porque há muitas casas em alojamento local face às casas de habitação [permanente], na Baixa essa percentagem é elevada porque praticamente não há casas de habitação. Na Baixa, como na Avenida da Liberdade, a função habitacional é muito reduzida", diz o autarca lisboeta, sublinhando que esta é "uma forma de incentivar que haja mais habitação tradicional". Como? "Permitir que temporariamente possa haver alojamentos locais pode dar origem a que apartamentos de serviços sejam convertidos em apartamentos de habitação."

O facto de o alojamento local ser considerado uso habitacional é uma questão polémica, que já provocou decisões divergentes nos tribunais portugueses. Fernando Medina defende que deve ser assim: "Uma das coisas pelas quais nos batemos muito na lei, e que ficou consagrada, é que o alojamento local tem licença de habitação e não uma licença turística ou uma licença de outro uso. O que é que isso permite? Permite que edifícios que estejam afetos ao alojamento local no dia seguinte possam deixar de o ser e ter um contrato de arrendamento para habitação permanente, sem que seja necessário um projeto, um processo de alteração de uso."

Baixa, Avenida da Liberdade, Avenida da República e Almirante Reis não vão ter restrições a novos alojamentos locais.

Câmara poderá aprovar novos registos nas áreas de contenção, por exemplo em casos de recuperação de prédios em ruínas.

Proibição total com exceções

O regulamento vai trazer uma outra novidade em relação às zonas de contenção, onde a abertura de novos alojamentos locais está proibida desde novembro de 2018, na sequência da aprovação da nova lei do alojamento local, que entrou em vigor em outubro. A interdição mantém-se, mas vai passar a admitir exceções, desde que aprovadas pelo executivo camarário. Segundo Fernando Medina, este regime excecional poderá ser utilizado "por exemplo em casos em que haja recuperação de prédios em ruínas". "Não há novos licenciamentos, quando houver abate dos existentes essas licenças não são colocadas a concurso. O que há é um regime excecional, para casos excecionais, de interesse para a cidade. É um regime que tem de ser aprovado em plenário da câmara, que pode atribuir uma licença por um período temporário, para que haja uma rentabilização do imóvel", afirma o presidente da Câmara de Lisboa.

Depois de votada em reunião da câmara, a proposta de regulamento será submetida a consulta pública, podendo sofrer ainda "alguns ajustamentos". O documento final terá de ser aprovado pela Assembleia Municipal de Lisboa.

A nova lei do alojamento local permitiu às autarquias avançar de imediato com restrições, mas de carácter temporário – foi ao abrigo dessa disposição que cinco bairros de Lisboa foram decretados como zona de contenção. Mas essa decisão é temporária e tem de ser substituída, no prazo de um ano, por um regulamento que estabeleça as regras para o AL, precisamente o documento que a câmara está agora a ultimar. As áreas de contenção estipuladas no regulamento terão de ser reavaliadas, no mínimo, a cada dois anos.

De acordo com o registo nacional de alojamento local, Lisboa tem nesta altura 16 202 apartamentos afetos ao AL. Santa Maria Maior é a freguesia da cidade com mais unidades dedicadas ao arrendamento de curta duração. De acordo com números avançados na tarde de sexta-feira pela junta de freguesia há atualmente 4498 unidades de AL nesta zona da cidade, que abrange bairros como Alfama, Mouraria, Castelo, Baixa e Chiado. Santa Maria Maior também foi a freguesia mais afetada pela corrida ao registo de novos alojamentos locais, nos meses que precederam a entrada em vigor da nova lei - chegou a registar um crescimento de 10% no espaço de pouco mais de um mês.

Na passada semana, o Bloco de Esquerda – que tem um acordo com os socialistas na vereação da câmara – defendeu a suspensão imediata do alojamento local na colina de Santana e na Graça, bem como na Baixa, Avenida da Liberdade e Almirante Reis – todas as zonas onde o alojamento local esteja acima dos 10%.

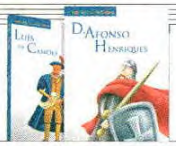
Fundado em 1864

Diário de Notícias

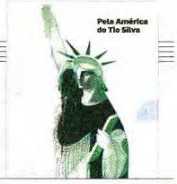
www.dn.pt / Sábado 6.4.2019 / Ano 155.º / N.º 54 772 / 3 euros / Diretor: Ferreira Fernandes

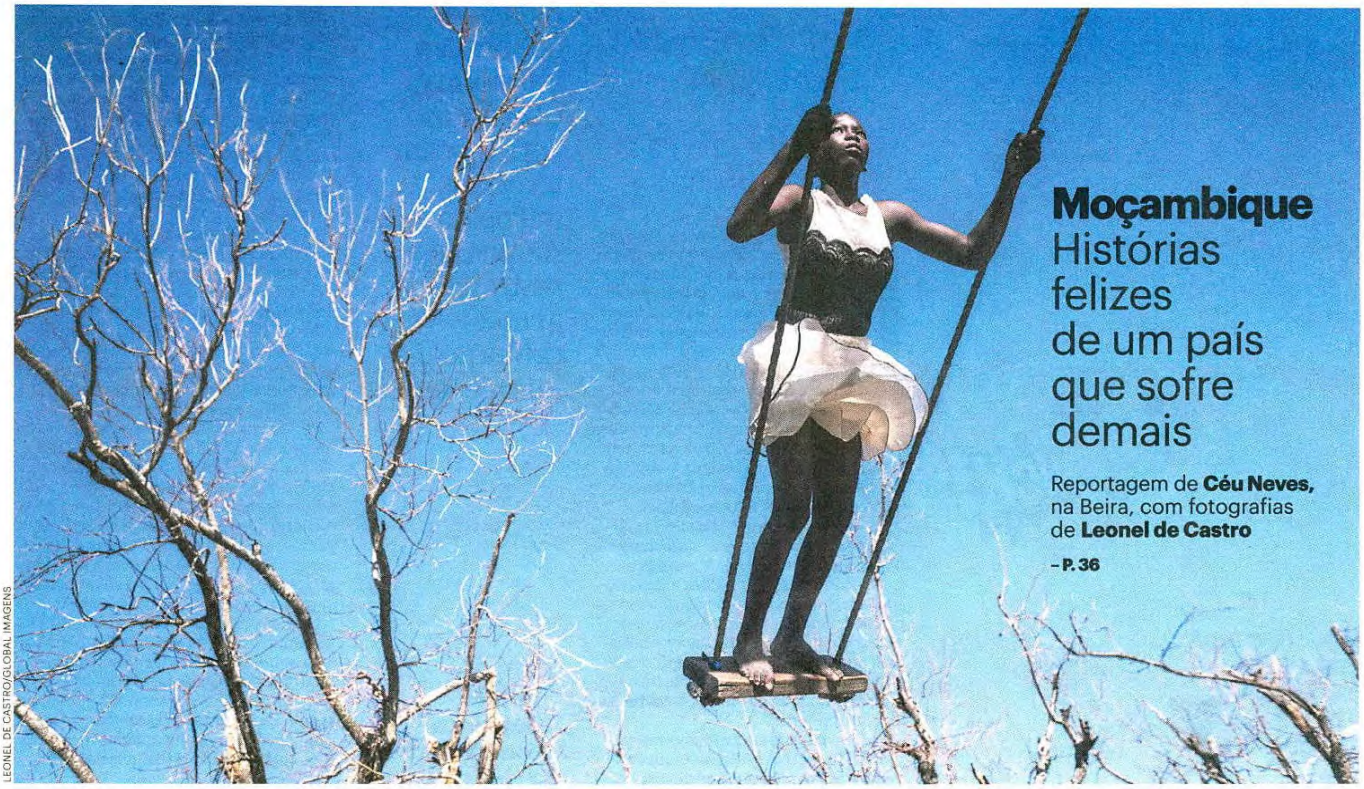
PACK DVD+JORNAL
JASON BOURNE PACK 19,95€ | GRU, O MALDISPOSTO PACK 15,95€ | VOO 93 PACK 6,95€

COLEÇÃO LIVROS NOMES COM HISTÓRIA
16,50€



PELA AMÉRICA DO TIO SILVA
9,90€+JORNAL





LEONEL DE CASTRO/GLOBAL IMAGENS

Moçambique
Histórias felizes de um país que sofre demais

Reportagem de **Céu Neves**, na Beira, com fotografias de **Leonel de Castro**

– P. 36

Chega e Iniciativa Liberal dominam campanha nas redes sociais

O PAN é o partido com mais seguidores, mas o Chega lidera o *engagement* no Facebook e o Iniciativa Liberal o debate político no Twitter. A publicação mais popular foi partilhada pelo PNR. Páginas de partidos com racismo e *fake news*. – P. 04

1864.
A genialidade de Da Vinci, muito mais do que o pintor de *Mona Lisa*

Maçonaria
Ex-provedor de Justiça contra presidente da EMEL
– P. 10

Femicídio
Juízes atribuem cada vez mais botões de pânico
– P. 20

Alojamento local
Mais restrições em Lisboa
– P. 18

Aqueduto
Túneis que levavam água aos amigos do marquês de Pombal
– P. 48

PUBLICIDADE

Carla Bruni em Portugal

http://pt.cision.com/cp2013/ClippingDetails.aspx?id=ada427ce-bca4-48fd-91ad-857cfcfc2f45&userId=20bb6b56-ec51-42d3-b11d-421913ecc5ae

Carla Bruni esteve ontem em Portugal para inaugurar um navio de cruzeiros em Viana do Castelo. Com a mulher de Nicolas Sarkozy esteve também o primeiro-ministro António Costa, que destacou a qualidade da indústria naval portuguesa.
Declarações de António Costa, primeiro-ministro; Carla Bruni, cantora.

Repetições: TVI 24 - Jornal da Uma , 2019-04-07 13:38
TVI - Jornal das 8 , 2019-04-07 21:08
TVI 24 - Jornal das 8 , 2019-04-07 21:09

CISION

ID: 79892848

CORREIO da manhã

06-04-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Informação Geral

Pág: 22
Cores: Preto e Branco
Área: 20,76 x 20,89 cm²
Corte: 1 de 1

PROJETO. COMEÇOU ONTEM A SER DISTRIBUÍDO EM PAPEL

Responsáveis explicam que o guia se foca muito na cidade do Porto, que tem registado maior procura de turistas

Roteiro do Norte para turismo gay

LGBTI Guia conta com 33 parceiros em várias áreas. Destaca 5 praias

ANA SILVA MONTEIRO

São cada vez mais as pessoas que procuram Portugal como destino de férias e o Porto é uma das cidades com maior crescimento. Este ano, e aproveitando o potencial da região para captar turistas LGBTI, a edição do roteiro 'Porto Gay Circuit' conta com 33 parceiros de várias áreas e destaca cinco praias 'gay friendly', algumas das quais onde o nudismo é frequente.

"O guia foca-se principalmente na cidade do Porto, que nos últimos anos tem sido um local bastante procurado pelos turistas e que tem muito ainda para crescer. No ano passado, a região teve proveitos de 482,7 milhões de euros e estima-se que de 10 a 15% sejam de turismo LGBTI", explicou ao **Correio da Manhã** Paulo Monteiro, um dos responsáveis do projeto.

PROMOTORES ESTIMAM PROVEITOS DE 50 MILHÕES COM TURISTAS LGBTI

O 'Porto Gay Circuit' de 2019 traz essa particular novidade, um roteiro que dá destaque a cinco praias: a praia Foz do Minho, em Caminha, a da Estela, na Póvoa de Varzim, a de Pedrinhas, em Esposende, a do Furadouro, em Ovar, e a do Palheirão, já em Cantanhede, são os locais sugeridos.

O guia inclui ainda informações sobre seis bares, cinco hotéis, cinco restaurantes e quatro prestadores de serviços turísticos. A versão em papel do projeto - tiragem de 10 mil exemplares - começou ontem a ser distribuída na Área Metropolitana do Porto, Braga, Vila Real e outros localidades durienses.

Seminário Lugares de Globalização destaca Cabo Verde para lançar Semana Cultural

Tipo Meio:	Internet	Data Publicação:	06/04/2019
Meio:	Sul Informação Online	Autores:	Elisabete Rodrigues

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=e4f84f1e

A candidatura Lugares de Globalização a património da UNESCO envolve Portugal, Espanha, Marrocos e Cabo Verde. Mas é com este último país que temos os laços mais fortes, desde logo pela língua que nos une

Cabo Verde é o Lugar em Destaque do seminário que, no próximo dia 12 de Abril, em Vila do Bispo, vai lançar a segunda edição da Semana Cultural Lugares de Globalização, que há-de depois decorrer em Maio, em cinco concelhos do Barlavento algarvio: Lagos, Vila do Bispo, Aljezur, Silves e Monchique.

O seminário da próxima sexta-feira inclui apresentações de oradores convidados, durante a manhã, a apresentação pública da programação da Semana Cultural de Maio, bem como um momento de imersão na cultura cabo-verdiana .

E que momento será esse? Com a presença de associações cabo-verdianas, serão apresentadas histórias de vida e projetos culturais. Depois, Darlene Barreto, filha do músico cabo-verdiano Orlando Pantera, irá explicar porque é que o batuko sta na moda . E a explicação passa pela atuação ao vivo de um grupo de muito animadas batucadeiras, com os seus ritmos a puxar os participantes no seminário para um pezinho de dança.

Mas voltemos ao princípio. O seminário, que vai decorrer no Centro Cultural de Vila do Bispo, começa às 9h30, com a sessão de abertura. Às 10h00, tem início o primeiro painel, sobre o tema genérico Lugares de Globalização - afirmação dos seus valores, fundamentos históricos e a sua atualidade .

Moderado por Pedro Cantinho Pereira, do Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes (ISMAT), a primeira oradora será Maria Manuel Torrão, do Centro de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, que falará sobre O Algarve, o Atlântico e as ilhas de Cabo Verde - percursos comuns no caminho da globalização .

Segue-se o historiador Rui Loureiro, do ISMAT, que apresentará uma comunicação sobre Fernão de Magalhães, o Atlântico e a Globalização , terminando este primeiro painel com Ana Samira Silva, do Instituto do Património Cultural de Cabo Verde, que refletirá sobre a importância de lugares e territórios como a Cidade-Velha, classificada como Património Mundial.

O segundo painel, que terá como moderadora a jornalista Elisabete Rodrigues, decorrerá sob o mote do Património Cultural, Oceanos, Cooperação e Turismo .

Artur de Jesus, técnico superior da Câmara de Vila do Bispo, apresentará o projeto Odyssea Blue Heritage - o Itinerário Marítimo Cultural em Vila do Bispo , seguindo-se Ana Catarina Garcia, do CHAM da Universidade Nova de Lisboa, que abordará o tema Memória, preservação e literacia dos Oceanos - contributos da arqueologia para a História Marítima e o projeto CONCHA .

A fechar este segundo painel, Cláudia Henriques, da Escola Superior de Gestão, Hotelaria e Turismo da

Universidade do Algarve, irá falar sobre Qual o valor de uma Classificação Património Mundial para um destino turístico? .

Centro Cultural de Vila do Bispo

À tarde, a partir das 15h00, o arqueólogo Rui Parreira, da Direção Regional de Cultura do Algarve, vai abordar o tema o Património Cultural do Barlavento Algarvio e o seu valor Europeu e Universal , ligando a questão de o Promontório de Sagres ser já Marca do Património Europeu, com a inclusão da candidatura Lugares de Globalização na Lista Indicativa da Unesco.

E a tarde terminará, como já se sabe, com uma imersão na cultura de Cabo Verde, em especial na sua música. Haverá assim uma apresentação do legado de Orlando Pantera, que estará em destaque durante o mês de Maio, durante a Semana Cultural, bem como a participação de elementos da Orquestra de Batukadeiras de Portugal da Associação de Mulheres Cabo-verdianas na Diáspora em Portugal. Uma orquestra que até já gravou com Madonna.

Depois de um momento um pouco mais formal, durante a manhã, com a apresentação das comunicações dos oradores convidados, este será um momento mais festivo, para abrir o apetite para a programação que iremos apresentar em Maio, nos cinco concelhos algarvios envolvidos neste projeto , explicou Sónia Felicidade, da associação Vicentina, em declarações ao Sul Informação.

A candidatura Lugares de Globalização a património da UNESCO envolve Portugal, Espanha, Marrocos e Cabo Verde. Mas é com este último país que temos os laços mais fortes, desde logo pela língua que nos une. Há aqui um triângulo muito forte, entre Barlavento Algarvio, Açores e Madeira, e ainda Cabo Verde. São laços que temos todo o interesse em explorar, não só do ponto de vista da cultura e do património, mas até do ponto de vista económico, ao nível do turismo cultural , acrescentou.

As inscrições para esta que promete ser uma jornada intensa de conhecimento e partilha já estão abertas, podendo ser feitas clicando aqui.

A Semana Cultural Lugares de Globalização resulta de uma parceria constituída pela Vicentina - Associação para o Desenvolvimento do Sudoeste, Direção Regional de Cultura do Algarve, os Municípios de Lagos, Vila do Bispo, Aljezur, Monchique, Silves e a Região de Turismo do Algarve e a Associação Cultural LAC.

Esta será a segunda edição de um evento que volta a apresentar programação cultural que vai passar por Lagos, Vila do Bispo, Aljezur, Silves e Monchique, os cinco concelhos do Algarve que integram a candidatura Lugares da Globalização , inscrita na lista indicativa dos bens da UNESCO.

Uma edição que terá Cabo Verde como o Lugar em Destaque, já que este é um dos países que fazem parte dos "lugares repartidos, por cinco países - Portugal, Espanha, Cabo Verde, Marrocos e Mauritânia" que "fazem parte da memória universal associada ao imaginário de importantes mudanças históricas", e que "no seu conjunto representam um património único no contexto mundial enquanto marcos do início do que viria a ser uma nova era para a Humanidade".

Clique aqui para conhecer o programa detalhado, os oradores e fazer a sua inscrição.

Orlando Pantera:

Elisabete Rodrigues

CISION

ID: 79859778

JA desde 1957 jornaldoalgarve.pt

04-04-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Semanal
Âmbito: Regional

Pág: 12
Cores: Cor
Área: 25,00 x 33,50 cm²
Corte: 1 de 3

NOVO DIRETOR REGIONAL, PEDRO VALADAS MONTEIRO, AO JA:

"Agricultura e pescas têm de recuperar terreno ao turismo"

Há 40 anos, o setor primário e o turismo começaram a disputar recursos e mão-de-obra no Algarve. O elo mais fraco perdeu e, hoje, a agricultura e as pescas passam despercebidas face ao peso do turismo na economia regional. Ainda assim, o novo diretor regional da Agricultura e Pescas do Algarve encara com otimismo o futuro. Em entrevista ao JORNAL DO ALGARVE, Pedro Valadas Monteiro sublinha que tanto o setor primário como o turismo já perceberam que "ganham um com o outro" e, assim, "ganha a região"

> Nuno Couto

Jornal do Algarve - A superfície de área agrícola utilizada no Algarve está em queda nas últimas duas décadas, assim como o número de embarcações de pesca. Tem números concretos, ou noção da dimensão do abandono destes setores nos últimos anos?

Pedro Valadas Monteiro – Efetivamente, se considerarmos o saldo estatístico entre recenseamentos gerais da agricultura (RGA), concretamente os dois últimos realizados, verificamos que, entre 1999 e 2009, houve um decréscimo de 102 mil para 88 mil hectares (cerca de -16%) de superfície agrícola utilizada no Algarve. Esta diminuição foi mais significativa ao nível das culturas e das explorações agrícolas de menor dimensão, nos solos com mais baixos índices de fertilidade, sem disponibilidade de água para o regadio ou com fortes limitações no acesso à mesma. O preocupante destes números vem da constatação que uma área maior do território deixa de ser gerida. A agricultura sai, mas nada a substitui.

J.A. – Que explicações existem para este decréscimo de área agrícola utilizada no Algarve?

P.V.M. – Os sistemas tradicionais da agricultura algarvia, nomeadamente os sistemas não irrigados da serra e do barrocal, têm experimentado, no passado recente, alguns constrangimentos severos: para escoar os seus produtos no mercado em condições economicamente viáveis, em contrariar a perda e o envelhecimento da sua população (67 anos é a idade média da nossa população agrícola familiar), em suprir necessidades de mão-de-obra para as tarefas necessárias no campo e, como corolário, em continuarem a gerir uma vasta área do território da região, como tradicionalmente sempre fizeram.

J.A. – O mesmo acontece com o número de embarcações de pesca e de pescadores, que está em queda abrupta nos últimos 16 anos...

P.V.M. – Sim, com as embarcações de pesca passa-se algo de semelhante. O "balanço" do abastecimento de peixe é cada vez mais favorável à produção e menos à captura de pescado selvagem. Essa transição já está em curso e poderá gerar desequilíbrios económicos e ambientais, assim como riscos sociais – de de-semprego e dificuldades de reconversão profissional. É para estas questões prementes e críticas, por mexerem com a vida das pessoas, que é necessário estarmos preparados para responder.

J.A. – Em jeito de balanço, qual é o ponto da situação que faz, então, de ambos os setores neste momento?

P.V.M. – Em termos meramente estatísticos, e nas vésperas de se iniciarem as operações relativas ao novo recenseamento agrícola, veremos o que nos traz o RGA de 2019. Pode a área total diminuir e a produção aumentar, já que produção agrícola e superfície agrícola são variáveis que tendem cada vez mais a afastar-se, consequência de processos de reestruturação. Aliás, no período a que nos referimos (1999-2009 – o último com dados estatisticamente significativos), uma vez que o número de explorações se contraiu ainda mais que a superfície, a dimensão média das explorações até aumentou de 5,4 para 7,1 hectares, o que indicia um movimento de concentração que, se encarado unicamente pelo prisma da racionalidade económica, pode ser visto como positivo, já que favorece a geração de economias de escala e a mais fácil implementação de novos processos de gestão e de melhoria tecnológica, logo, o aumento da competitividade.

J.A. – Isso significa que a agricultura algarvia está a dar alguns sinais de revitalização?

P.V.M. – Se, por um lado, é certo que em grande medida estamos a falar das "dores de parto" de um setor económico que tem vindo a sofrer nos últimos anos uma forte reestruturação – com abandono de áreas e explorações que não conseguiram sobreviver a um mercado cada vez mais global e liberalizado –, não é menos verdade que essas formas de agricultura tidas como menos competitivas, dos sistemas agrários tradicionais, da pequena agricultura familiar ou de pequena escala, continuam a ser fundamentais para a ocupação harmoniosa do território, com um papel relevante não só social mas também ambiental, de conservação e humanização da paisagem...

J.A – Incluindo na prevenção e alerta de incêndios...

P.V.M. – Sem dúvida, não nos podemos esquecer que o flagelo dos incêndios ganha ímpeto a partir do momento em que o homem (e por arrastamento a agricultura, a pecuária, etc.) se extinguiram ou passaram a assumir um papel residual nos territórios. Portanto, e de entre os vários desafios importantes com que nos defrontamos, um dos mais relevantes será assim como compaginar rentabilidade, que é absolutamente indispensável numa qualquer atividade económica, como é o caso vertente da agricultura, e a necessidade (também ecológica) de preservar a presença humana nestes territórios ditos mais desfavorecidos.

> A agricultura tida como menos competitiva, tradicional e familiar, continua a ser fundamental para a ocupação harmoniosa do território

J.A. – Já no caso das pescas, os dados oficiais mostram um setor a definhar...?

P.V.M. – No caso das pescas, e para além dos traços comuns em termos de diagnóstico e causas associadas com o setor agrícola, convém também relevar as próprias orientações das políticas públicas emanadas pela União Europeia (via Política Comum das Pescas) e que só per si são já fortemente limitantes no que toca às possibilidades de renovação/reabilitação das embarcações de pesca, cerceiam quase por completo as intervenções tendentes à elevação do esforço de pesca.

J.A. – Assim sendo, que expectativas tem para a agricultura e para as pescas no Algarve?

P.V.M. – As melhores. Setores desenvolvidos, integrados com os restantes na região, diversificados, que maioritariamente não se afirmam pela quantidade mas sim pela qualidade, inovadores, abertos aos mercados internacionais, com uma "boa atmosfera", capaz de atrair capital produtivo, investimento estrangeiro e doméstico. O "forte" da região continuam a ser os seus recursos endógenos (da qualidade do seu peixe e bivalves, passando pelo sal marinho e a flor de sal, entre muitos outros exemplos possíveis), as suas condições naturais, como sejam as edafoclimáticas, de excelência, ótimas para a horto-fruticultura em geral, que estiveram na base dos afamados primores algarvios e que hoje em dia desempenham um papel fulcral no lançamento e desenvolvimento de novas produções agrícolas, como é o caso dos frutos vermelhos/pequenos frutos e do abacate (que já ultrapassa os 1.100 hectares de área total), alicerçaram o notável movimento de reestruturação/rejuvenescimento da citricultura regional (que hoje em dia com menos 2.000 hectares de área produz mais 40% do que produzia em 2002) e permitiram a afirmação de produções muito interessantes, algumas com forte vocação para a exportação (tanto "lá para fora" como "cá dentro" entre os turistas que nos visitam), como sejam os viveiros, plantas ornamentais, os vinhos, a romã, o diospiro, entre outros.

J.A. – Portanto, está otimista?

P.V.M. – Sim. Sabemos dos recentes desenvolvimentos da agricultura empresarial, mais competitiva e produtora de bens transacionáveis, que fazem dela um setor de ponta em termos de conhecimentos exigidos, e não queremos descolar deste pelotão. Contamos com a "presença" e a projeção que esta agricultura nos é capaz de trazer. Por outro lado, sabemos da importância da agricultura familiar para a sustentabilidade dos territórios rurais e não queremos que ela descole. Depositamos grandes esperanças no seu reconhecimento formal em que agora se trabalha com afinco, nesse vínculo estável que ela garante entre património, ambiente, território, no seu sentido de "continuidade", no "enquadramento social" e redes de solidariedade que ela promove, a par dos circuitos curtos de comercialização que poderão ajudar a escorá-la. Ao mesmo tempo, sabemos da importância crucial da floresta, que ocupa uma parte substancial dos 350 mil hectares da nossa serra e que é produtora de externa-lidades/bens públicos não transacionáveis mas absolutamente vitais (proteção de solos e linhas de água, sumidouro de CO2, etc.) e queremos, ao mesmo tempo, que ela seja ordenada (com maior presença de espécies autóctones mais resilientes ao fogo) e multifuncional, para produção (madeira, cortiça), de proteção e conservação. Queremos estar nos mercados nacionais e internacionais, mas também queremos mercados locais e regionais fortes e dinâmicos. Parece que queremos tudo e o seu oposto. Mas, na verdade, nada disto é contraditório. Todas estas dimensões não se excluem mas fortalecem-se mutuamente.

J.A. – E como tem sido feita a ligação do setor agrícola com os outros setores, nomeadamente com o turismo?

P.V.M. – É também um caminho que se tem percorrido. Numa primeira fase, setor primário e turismo disputavam recursos, disputavam mão-de-obra. É claro que o mais fraco perdeu. Mas cada vez mais também o turismo percebe que tem muito mais a ganhar se procurar sinergias do que num modelo hegemónico. Hoje há ainda "disputas localizadas", como sempre haverá num contexto de recursos escassos. Mas ambos os setores perceberam que não ganham à custa um do outro, ganham um com o outro. O setor primário porque tem muito a beneficiar da alavancagem induzida pelo turismo, enquanto este tem no aproveitamento dos recursos endógenos gerados pelo setor primário uma forma de diversificar e melhorar a qualidade da sua oferta. O caso do vinho é bem ilustrativo. As vindimas não eram capazes de concorrer com os empregos que o setor do turismo oferecia na mesma altura do ano. A uva tinha de esperar e perdia assim qualidade. As adegas foram sucessivamente entrando em dificuldades pela falta de matéria-prima para laboração e o imobiliário falou mais alto. Fechou Tavira, Portimão, Lagos...

J.A. – E hoje?

P.V.M. – Hoje o setor renasceu graças, precisamente, ao turismo. São inúmeros produtores e, recentemente, até grandes empresas nacionais, que produzem vinhos de quinta, de boa qualidade, com produção destinada ao mercado turístico. Existe uma rota dedicada ao enoturismo (e a breve trecho anuncia-se uma outra dirigida à citricultura no concelho de Silves). Muitos destes produtores são estrangeiros. Um dos primeiros neste movimento foi Cliff Richard como nos lembramos. Aplicaram capital, foram empreendedores, vieram para uma região que foi capaz de os atrair e reter, trouxeram novos métodos. E há muitos mais exemplos da presença de empresários e capitais estrangeiros, nos viveiros, em ornamentais, em horticultura.

J.A. – Isso quer dizer que a nossa agricultura é hoje em dia muito mais atraente para os investidores?

P.V.M. – A verdade é que hoje o setor agrícola está mais resiliente, tem circuitos de comercialização melhor estabelecidos e mais consolidados, é um setor melhor organizado (veja-se o exemplo da constituição recente da Algarorange, uma associação que reúne os nove maiores operadores citrícolas algarvios) e profissiona-lizado, melhor integrado na economia regional e mais vocacionado para os mercados, sejam regionais, nacionais e internacionais. Tem sabido promover a diversificação da produção e inclusive, paulatinamente, mas ainda bastante aquém do que seria potencialmente desejável, tem até conseguido alguma penetração nas cadeias de abastecimento do setor Horeca regional. Ao turismo competirá continuar a assumir o papel de motor da economia regional, mas deixaremos de estar perante uma "locomotiva" que só puxa por si própria e teremos uma base económica regional mais saudável porque mais diversificada. Logo, ganha a região porque fica mais resiliente a choques externos do lado da procura.

J.A. – Fala-se muito no potencial da nossa agricultura – nomeadamente as horas de sol, que permitem ter culturas o ano inteiro – e das pescas. Além disso, a agricultura e as pescas têm um passado económico e uma história de sucesso na região. Na sua opinião, o Algarve será de novo uma região agrícola e de pesca de sucesso?

P.V.M. – Poria a questão num prisma um pouco diferente, perguntando por onde passa o sucesso futuro do Algarve. E o futuro desta região passa, a meu ver, por conseguir assegurar a ocupação equilibrada do seu território e um desenvolvimento socioeconómico integrador, inclusivo. Não é sustentável, a prazo mais ou menos longo, um desenvolvimento, mesmo turístico, assente numa região sem coesão ou um desenvolvimento que deixe setores, territórios e estratos sociais de fora. O futuro do Algarve passa por isso por uma agricultura e por uma pesca (incluindo não só a captura, como cada vez mais também a produção de peixes e bivalves em aquicultura) que sejam capazes de estar ao nível dos restantes setores da economia. Cremos que hoje isso já é assim. Temos já do que melhor se faz ao nível tecnológico em ambos os setores, seja ao nível da produção primária seja ao nível da transformação (veja-se o caso da Congelagos, uma fábrica de congelação de pescado equipada com tecnologia de vanguarda, que foi inaugurada recentemente em Lagos, sendo a maior deste género na Península Ibérica). Temos atividades de "ponta", naturalmente com tecnologias adaptadas às nossas condições climáticas e estruturais. O futuro da região passa pela sua capacidade de criar oportunidades para todos os que a compõem. A "sobre especialização" gera uma estrutura económica demasiado vulnerável e fortemente dependente do exterior pela necessidade de importar para suprir o que cá não se produz.

> Numa primeira fase, setor primário e turismo disputavam recursos, disputavam mão-de-obra. É claro que o mais fraco perdeu

J.A. – Quais os grandes desafios que estes setores têm pela frente?

P.V.M. – De acordo com a FAO, a produção de alimentos mundial terá de aumentar 70% até 2050 para poder alimentar uma população superior a 9000 milhões. O grande desafio será como fazê-lo num cenário que já é atual (com tendência para se agravar se não tivermos a sabedoria e coragem para inverter o rumo) de crescentes tendências pesadas onde sobressaem: as alterações climáticas, o aumento dos impactes antropogénicos sobre o ambiente (veja o caso da contaminação com plásticos), a perda crescente de biodiversidade (onde incluo a diminuição dos stocks de pescado selvagem), a crescente escassez de água e de solos de boa qualidade para a agricultura, e custos energéticos cada vez mais voláteis e crescentes. Todos estes fatores críticos ameaçam, por um lado, a produtividade e sustentabilidade do setor primário, mas em paralelo estimulam o engenho e a sua capacidade de inovação. Penso que o nó górdio que tem ser desatado será na prática como atingir a intensificação sustentável da produção primária.

J.A – E de que forma isso pode ser alcançado?

P.V.M. – Nas pescas, setor fortemente regulado em termos de possibilidades de captura para as espécies tidas como mais sensíveis, o caminho passa: pela adoção de modelos de gestão integrada e participativa (co-gestão), envolvendo entes públicos e associações profissionais da pesca, pela valorização de espécies comercialmente menos apelativas e no valor acrescentado introduzido pela transformação, pela complementaridade com a produção aquícola (nomeadamente em offshore), com forte apoio da universidade e laboratórios do Estado, nomeadamente na investigação sobre o estado dos stocks (e sua correlação com a fixação das possibilidades de pesca, vulgo quotas) e bem assim sobre tecnologias mais conservacionistas dos recursos. Já no território "terrestre", passa por privilegiar três dimensões-chave – social, económica e ambiental –, através de modelos produtivos adaptados às especificidades e nuances dos vários territórios (ou diferentes "algarves") em presença. Nas zonas mais produtivas do nosso litoral e barrocal, a aposta terá de continuar a ser na agricultura de precisão, em que através do uso de sistemas inteligentes, cada vez mais eficientes e eficazes por via dos avanços tecnológicos, se promove uma gestão integrada das culturas em todos os seus aspetos, o que permite aumentos de produtividade mas com crescente minimização dos impactos ambientais.

J.A. – E temos ainda a floresta...

P.V.M. – Para esse outro Algarve, essencialmente dos 350 mil hectares da serra e parte do barrocal, há que reinventar os sistemas agro-silvo-pecuários (tão importantes para a manutenção da paisagem e para a ocupação do território), adaptados à realidade dos tempos modernos. Isto é, que combinem uma floresta ordenada multifuncional (de produção, conservação e proteção), com aproveitamento do seu potencial dos vários rendimentos possíveis, incluindo o turismo da natureza e complementaridade com a atividade agropecuária, inclusive como forma de quebrar a cobertura vegetal que se tem revelado tão suscetível aos incêndios. Este desiderato, assaz ambicioso, só será possível se completarmos os rendimentos económicos gerados por estes espaços com esquemas de compensação pela perda de rendimento/pagamento pela prestação de serviços de utilidade pública, nomeadamente os pagamentos ecossistémicos cada vez mais falados.

J.A. – De que forma as alterações climáticas podem colocar em causa os dois setores e o que deve ser feito para mitigar esses problemas?

P.V.M. – As alterações climáticas colocam tudo em causa, não só a agricultura e as pescas, mas todos os demais setores económicos, e bem assim não só a segurança das pessoas e dos seus bens, mas também as suas condições de vida e de trabalho, o que é particularmente crítico numa região que está cientificamente comprovado ser das que mais podem vir a sofrer tendo em conta a sua elevada vulnerabilidade, como é o caso do Algarve. As respostas a estas graves ameaças terão de ser integradas e corajosas (não vamos lá com meros paliativos ou medidas titubeantes). O facto destes setores (agricultura e pescas) serem atividades mais próximas da natureza, por tradicionalmente funcionarem "a céu aberto", faz com que sejam mais sensíveis e mais rápida e severamente atingidos por este tipo de problemas. Paradoxalmente, são simultaneamente vítimas, já que consequências como o aquecimento global, a acidificação dos oceanos, etc., põem em causa o funcionamento dos ecossistemas e os padrões de comportamento dos seres vivos com que trabalham (sejam plantas ou animais, sendo que, por exemplo, a escassez crescente de algumas espécies de pescado como a sardinha, para além dos problemas de eventual sobre-exploração inerentes, podem estar igualmente associados a mudanças no seu meio ambiente que induzem a migração para outras paragens), mas também autores materiais do problema, pois na sua atividade queimam combustíveis fósseis que levam à libertação de gases com efeitos de estufa.

J.A – O que podemos fazer então?

P.V.M. – Têm de ser promovidos programas de reconversão e melhoria da eficiência energética nestes setores, e antecipados cenários e preparadas medidas minimizadoras dos impactes diretos das alterações climáticas sobre os mesmos. Convém ter em mente que numa região como o Algarve, a agricultura só é técnica e economicamente viável nas produções em que somos mais competitivos, como os hortofrutícolas, se baseada no regadio, pelo que o contínuo esforço de melhoria da eficiência dos sistemas de adução de água à planta, em paralelo com investimentos no reforço do aprovisionamento de água, se revelam absolutamente nevrálgicos. A agricultura tem hoje inúmeras soluções que lhe permitem uma gestão cuidada, através de uma monitorização muito rigorosa dos seus recursos, muito em particular o recurso água. A chave para estes progressos assinaláveis tem sido o conhecimento. O próprio conhecimento é um recurso. Desse ponto de vista, não há hoje menos recursos mas sim mais, pois há cada vez mais conhecimento. Temos é de saber alocá-lo eficazmente à solução ou pelo menos à minimização dos problemas.

> O futuro do Algarve passa por uma agricultura e por uma pesca que sejam capazes de estar ao nível dos restantes setores da economia

J.A. – Assumiu há menos de quatro meses o cargo de diretor regional da Agricultura e Pescas, cargo que vai ocupar nos próximos cinco anos, depois de já ter sido diretor adjunto (2009 a 2012). Quais os desafios que se colocam hoje à instituição?

P.V.M. – Os desafios que se colocam atualmente à Direção Regional da Agricultura e Pescas do Algarve (DRAPALG) são muito variados, até por via das nossas múltiplas competências e diferentes áreas de intervenção, cada qual com as suas especificidades. A nossa perspetiva enquanto instituição terá de ser a de poder desempenhar um papel ativo e sermos úteis ao nossos públicos. Em suma, dar um contributo válido ao desenvolvimento sustentável dos setores agrícola e das pescas no Algarve, região que nas últimas décadas tem assistido ao acentuar das assimetrias territoriais e dos desequilíbrios intersetoriais. Dadas as grandes transformações que têm ocorrido a todos os níveis no passado recente (também ao nível da própria administração pública), confrontamo-nos também nós – DRAPALG – com dificuldades e desequilíbrios vários, por exemplo, ao nível dos recursos humanos e equipamentos, e sua adequação às exigências atuais, numa era em que a digitalização avança a passos largos. Para que nos possamos projetar na nossa atuação ao nível que ambicionamos, e desempenhar o tal papel ativo que pretendemos, temos que corrigir estes desequilíbrios e assegurar uma boa inserção nos setores em que trabalhamos, inserção essa que é seguramente diferente daquela que nos era solicitada há dez ou quinze anos. Temos que primar pela eficiência em termos de desempenho para que, num contexto de recursos escassos e atribuições/competências cada vez mais exigentes, possamos nas áreas da agricultura, florestas, desenvolvimento rural e das pescas, constituir-nos e sermos em simultâneo apercebidos pelos nossos clientes, enquanto entidade que acrescenta valor e impactua pela positiva. Estou convicto de que o futuro passará muito pela continuação e reforço das parcerias com os agentes económicos dos setores do agroalimentar, das florestas, das pescas e suas organizações associativas, com a AMAL e as autarquias, com as outras entidades da administração central, a Universidade do Algarve e laboratórios do Estado como o IPMA, entre outros. Se formos capazes de criar e tirar partido de sinergias, estou convicto que seremos bem-sucedidos nos desafios que nos são colocados.

CISION

ID: 79860412

JA desde 1957 jornaldoalgarve.pt

04-04-2019

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Semanal
Âmbito: Regional

Pág: 24
Cores: Cor
Área: 25,00 x 13,54 cm²
Corte: 1 de 2

PORTIMÃO ACOLHE SEMINÁRIO SOBRE SEGURANÇA DA REGIÃO

Algarve quer continuar a ser "um dos destinos mais seguros do mundo"

"Algarve um Destino Seguro" é o tema do seminário que vai ter lugar, no próximo dia 10 de abril, entre as 15h00 e as 18h00, no auditório do museu de Portimão.

A iniciativa visa debater temas como a segurança e a proteção na região algarvia, considerados vitais para proporcionar um turismo de qualidade. "Mais do que qualquer outra atividade económica, o sucesso ou o fracasso de um destino turístico depende da capacidade de proporcionar um ambiente seguro aos visitantes. Temos tido sucesso com a promoção desta política? Reconhecemos a importância da segurança, mas somos eficientes e eficazes a passar a mensagem?", são questões que serão lançadas no decorrer deste seminário.

"Este debate visa determinar e melhorar formas eficazes de comunicação para garantir que o Algarve continue a ser um dos destinos turísticos mais seguros do mundo", salienta a organização.

O programa arranca com uma sessão de abertura onde vão intervir Isilda Gomes, presidente da Câmara Municipal de Portimão, João Fernandes, presidente da Região de Turismo do Algarve, David Thomas, presidente da Associação Safe Communities Portugal e Isabel Oneto, secretária de Estado Adjunta e da Administração Interna.

O seminário "Algarve um Destino Seguro" inclui ainda intervenções de Richard Marques, comandante dos bombeiros de Portimão, Marco Martins, comandante do Comando Distrital de Faro da PSP, Carmen Rasquete, secretária-geral da Associação Portuguesa de Apoio à Vitima (APAV), Joaquim Crasto, comandante do Comando Territorial de Faro da GNR, José Mendes, guarda-noturno, Elidérico Viegas, presidente da Associação dos Hotéis e Empreendimentos Turísticos do Algarve (AHETA), Paula Vicente, diretora da Escola de Hotelaria e Turismo do Algarve e Pedro Lopes, da Associação de Turismo de Portimão (ATP).